

## **SUSTENTABILIDADE - UMA NECESSIDADE, ÉTICA ECOLÓGICA - UM CAMINHO**

Sustainability – an ecological ethics need - one way

**RODRIGUES, Murilo Rogério**

Faculdade de Tecnologia César Lattes

**RESUMO:** Os estudos ambientais vêm ganhando muita importância nos dias atuais, sobretudo devido os desastres e catástrofes naturais que parecem ter colocado a discussão deste tema no centro das atenções em todo o mundo. Sabe-se que o modelo antropocêntrico contribuiu muito para o atual estado de crise ecológica, a visão de que o homem é “o ser supremo do planeta” desencadeou comportamentos contrários à ideia de convivência harmônica entre a humanidade e natureza. Nesta linha, os seres da natureza não têm valor intrínseco e são propriedade e domínio do homem. As populações sempre se utilizaram da natureza como uma fonte de recursos, apossando-se deles de forma avassaladora e com a ideia errônea de que são infinitos. Um exemplo clássico são os chamados “países desenvolvidos”: a maioria deles começou a explorar seus recursos naturais sem nenhum planejamento fazendo com que boa parte destes se esgotassem rapidamente. Com o passar do tempo, os resultados desta agressão apareceram, provocando consequências graves e mudando os rumos dos estudos sobre meio ambiente no mundo. Fica cada vez mais evidente a importância de se abordar assuntos com esta temática. É necessário criar políticas corretas de manejo ambiental visando proteger ao máximo a natureza. Isso deve ser discutido constantemente e não somente na hora em que os problemas causam as mutações do clima, dos ecossistemas e de todos os aspectos físicos do planeta. O modelo da ética ecológica vem ganhando muito espaço atualmente, uma vez que é debatida nas mais diversas esferas de pensamento. A ideia de ética ecológica aparece quando se supera a relação de domínio dos recursos naturais e o homem passa a agir como zelador da comunidade da vida, da qual faz parte como membro.

**Palavras-chave:** Ética ecológica, Preservação ambiental, Sustentabilidade, Desenvolvimento.

**ABSTRACT:** Environmental studies are gaining increased importance nowadays, especially because of the disasters, both natural and manmade, which have put discussions on this issue in the worldwide spotlight. We know that the anthropocentric model has contributed greatly to the current state of ecological crises; the view of man being ‘the supreme being of the planet’ has always triggered contrary behavior to the idea of harmonious co-existence between mankind and nature. According to this original viewpoint, the beings of nature have intrinsic value and are the property and domain of man. People have always misused nature as a source, taking for granted that these sources are endless. A classic example of this is the so-called ‘developed countries’; most of them began to exploit their natural resources without any planning, resulting in a rapid decline of these natural resources. As time goes by, the results of this aggression have impacted directly upon us, causing serious consequences and changing the course of studies on the world environment. The importance of approaching issues relating to this topic is clear. Clear policies must be created in order to protect nature. These should be discussed constantly, and not only when we have drastic changes in the weather, ecosystem problems and the physical aspects of the planet. The model of ecological ethics has gained much publicity as it is currently being debated in many different spheres of thought. The word “ethics” originates from the Greek word ‘ethos’, which means “way of acting and being”. Ecological ethics is the wisdom of putting the law in the service of life; it is creating a membership of co-existence and self-care, both with each other and with nature, land, water and all living things, from an awareness of sustainable use and interdependence. The idea of ecological ethics appears when we get over the relationship of controlling the natural resources and start acting as caretakers of the community of life to which we belong as members.

**Keywords:** Ecological ethics, preservation environmentalist, sustainability, development.

## **Introdução**

O estudo e a preocupação com o meio ambiente e a natureza vem tomando enorme proporção nas últimas décadas no Brasil e no mundo. Os desastres e as catástrofes ambientais parecem ter colocado o tema no centro das atenções da mídia nacional e internacional.

Poluição, aquecimento global, ilhas de calor e chuvas ácidas estão em alta quando se fala de Geografia em jornais, revistas e nas escolas. A humanidade costuma associar estes fenômenos ao “fim dos tempos”, extinção da vida na Terra etc., fazendo infelizmente com que muitas informações sejam colocadas de maneira incorreta pela mídia e muitos acontecimentos sejam desvirtuados de sua verdadeira realidade. É muito comum deparar-se com informações erradas sobre estes temas também nos meios de comunicação em massa. Essas informações têm como consequência a assimilação e a disseminação de ideias abstratas sobre a natureza e o planeta provocando transtornos e causando pânico na humanidade.

Sabe-se que o modelo antropocêntrico contribuiu muito para o atual estado de crise ecológica, a visão de que o homem é “o ser supremo do planeta” sempre desencadeou comportamentos contrários a ideia de convivência harmônica entre homem e natureza. Na visão antropocêntrica, os seres da natureza não têm valor intrínseco e são propriedade e domínio do homem.

Algumas religiões derivadas do monoteísmo também contribuíram para disseminar esta ideia de centralidade do ser humano. Elas têm como ideia principal a separação entre o plano da natureza e o da sociedade, o que evidencia claramente a perspectiva antagônica entre ambos. Porém, vale ressaltar que algumas religiões politeístas possuem uma orientação mística que aponta para a unidade entre natureza e sociedade como, por exemplo, o hinduísmo.

## **O sistema capitalista**

Atualmente, o sistema capitalista domina as sociedades, o lucro e o acúmulo de capital assumem uma importância inigualável, valores morais e éticos são invertidos, lógicas são questionadas e a racionalidade humana passa a dar lugar a práticas insanas. Os sentimentos de reciprocidade e convivência já não estão mais presentes com tanta frequência, as relações sociais obedecem a um padrão hegemônico e homogêneo, de modo que uma pequena parcela da população domina o restante impondo seus valores e suas vontades. A vida tem seu valor diminuído como nunca e os agentes hegemônicos decidem o destino dos cidadãos assim como o do planeta Terra.

A busca de alguns pela riqueza e por um melhor status provoca um desequilíbrio social. O lucro, o prestígio e o poder substituem valores mais importantes como o sentimento de enraizamento, o equilíbrio e a solidariedade. Tudo passa a ter um valor de acordo com sua importância dentro desse sistema. O próprio ser humano é visto como recurso e acaba ficando refém das “novidades” que lhes são impostas por uma voracidade técnica inerente a esta racionalidade cruel e perversa.

Não bastasse isso, os cidadãos que concentram o capital e, conseqüentemente o poder, querem possuir além dos valores materiais individuais, os valores coletivos e de bem comum dentre os quais a natureza. Esses valores vêm na forma de recursos naturais e tem como finalidade suprir a base material da espécie humana.

A humanidade sempre se utilizou da natureza no seu cotidiano, sempre a observou como uma fonte de recursos, apossando-se deles de forma avassaladora e com a ideia errônea de que são infinitos. Um exemplo clássico são os chamados “países desenvolvidos”: a maioria deles começou a explorar seus recursos naturais sem nenhum planejamento, fazendo com que boa parte destes se esgotassem rapidamente. A solução então foi apossar-se também dos recursos naturais de outros países, no caso suas colônias, levando a destruição ambiental muito além dos limites de onde ela começou.

Com o passar do tempo, os resultados dessa agressão foram surgindo e atingindo diretamente a humanidade, provocando consequências graves e mudando os rumos dos estudos sobre meio ambiente no mundo. Fica cada vez mais evidente a importância de se abordar assuntos com esta temática; é de extrema importância criar políticas corretas de manejo ambiental, visando proteger ao máximo a natureza. Isso deve ser discutido constantemente e não somente na hora dos problemas que nos causam as mutações do clima, dos ecossistemas e de todos os aspectos físicos do planeta.

### **Colapso ecológico**

A preocupação com um colapso ecológico é recente. Somente há algumas décadas surgiram estudos, encontros e conferências nos quais a principal preocupação era abordar a preservação ambiental, assim como discutir formas de explorar os recursos naturais de maneira sustentável.

Em 1987, a comissão de meio ambiente da ONU divulga no relatório intitulado “Nosso futuro comum” o termo “desenvolvimento sustentável”, que significa evoluir sem colocar em risco as gerações futuras. A junção das duas palavras – “desenvolvimento” e “sustentável” – tornou-se senso comum, consenso para a formulação de políticas para utilizar as riquezas naturais (os recursos) de modo a não destruí-las e, ao mesmo tempo, continuar com o desenvolvimento, promover a diminuição da pobreza. Tornou-se unânime a preocupação com a biosfera, o “bem comum”. Criou um ideário de que todos são igualmente responsáveis pela depredação das riquezas e pela preservação para as gerações futuras. Transformou a questão ambiental em agenda política (Rodrigues, 2005).

É necessário respeitar a capacidade de suporte dos geossistemas e promover atividades que, ao mesmo tempo, gerem renda e não degradem a natureza e o meio ambiente. Para tanto, é imprescindível ter em mente um futuro comum, ter consciência da importância da preservação do ambiente

natural para as próximas gerações. A sustentabilidade não é só uma alternativa, mas também uma necessidade.

O maior problema está em contrariar a lógica capitalista e seus agentes principais, uma vez que estes têm como ideologia o individualismo e a obtenção de lucros a qualquer custo. Exemplos de como este sistema é impositivo e desigual não faltam, sobretudo nos países subdesenvolvidos, onde o poder dele é praticamente inatingível. O estado pouco faz, pois o capital é mais forte, e, aliado à mídia e a debilidade cultural de parte da população, acaba por reger sozinho e soberano toda uma sociedade, impondo seus interesses e ofuscando minorias e modos alternativos. O capitalismo é homogêneo ao máximo, ele destrói as particularidades e impõe a vontade dos dominantes. Culturas milenares são ameaçadas, uma vez que muitos povos estão modificando seus costumes, enfim, a diversidade cultural está deixando de existir. Vale ressaltar que, apesar dessa situação, existem povos tentando resistir a este modelo em diversas partes do mundo, mesmo tendo pouco apoio por parte do governo ou da sociedade em geral.

### **Os seringueiros e os quilombolas**

No Brasil, um exemplo típico é o caso dos seringueiros do Estado do Acre. Durante os anos 70, o governo militar iniciou um processo de ocupação da Amazônia baseado em empresas agropecuárias e projetos de colonização. Esse processo levou a uma prática de depredação dos recursos naturais da Amazônia e à expulsão de índios e seringueiros de seus territórios. No caso do Acre, a onda de especulação fundiária levou à venda dos antigos seringais a grupos empresariais e fazendeiros do centro-sul do país, interessados principalmente na derrubada da floresta para a implantação de grandes obras e o cultivo da pastagem para prática da pecuária extensiva.

Praticantes do extrativismo, os seringueiros sempre dependeram da floresta para sobreviver e manter suas famílias. Eles ocupavam aquelas terras muito antes da chegada dos grandes empresários e fazendeiros à região e, por

isso, lutavam pela criação de reservas extrativistas que lhes garantissem o direito de retirar da floresta o seu sustento de uma forma alternativa.

A reserva extrativista é a reforma agrária dos seringueiros. É o reconhecimento de áreas de floresta, ocupadas tradicionalmente por eles, como áreas de domínio da União, com usufruto exclusivo dos povos da floresta, organizados em cooperativas ou associações. Nas reservas não há títulos individuais de propriedade de terra, são respeitadas a cultura e as formas tradicionais de organização e de trabalho dos seringueiros, que continuarão a realizar a extração de produtos de valor comercial como a borracha, a castanha e muitos outros, juntamente com pequenos roçados de subsistência, em harmonia com a regeneração da mata. As reservas extrativistas não são áreas inviáveis economicamente: garantida a floresta, os seringueiros organizados aumentarão a produtividade, introduzindo inovações tecnológicas adequadas. Além disso, são também uma forma de preservação da natureza pelos que dela dependem, e uma alternativa econômica para a Amazônia (*Revista Chico Mendes, CNS 2005*). O extrativismo é uma forma de sustentabilidade que ajuda a preservar a natureza e a levar renda a muitas famílias em diversos lugares, promovendo assim uma estreita relação de interdependência entre eles.

Contudo, apesar de todo o esforço da população local para manter seu modo de vida e a preservação ambiental, mais uma vez os agentes principais do sistema capitalista mostraram seu poder. Para eles, o extrativismo era uma ameaça aos seus interesses de obtenção e acumulação de capital, já que precisariam desmatar a floresta para iniciar a construção das grandes obras e as atividades agropecuárias. Era um conflito entre uma maioria com pouco poder econômico e político contra uma minoria abastada e poderosa politicamente, uma disputa entre subsistência X lucro.

A partir disso, esses agentes capitalistas começaram a agir de maneira agressiva, perseguindo, torturando e eliminando seringueiros e líderes sindicais tais como: Wilson de Souza Pinheiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, em 1980; o dirigente do Sindicato de Xapuri,

Ivaír Higino de Almeida e, o mais célebre deles, Chico Mendes, morto em 1988, em Xapuri-AC, a mando dos grandes fazendeiros da região.

Mesmo sendo clara a participação dessa elite hegemônica nas perseguições e assassinatos contra extrativistas, sindicalistas e ambientalistas, pouca coisa foi feita para puni-los. Somente depois da morte de Chico Mendes e sobre fortes pressões internacionais, inclusive da ONU, os órgãos públicos municipais, estaduais e federais resolveram agir, prendendo alguns fazendeiros da região. Tudo isso mostra a fraqueza do poder público diante destes agentes globalizadores - muitas vezes havendo inclusive cumplicidade entre ambos. Infelizmente, as populações locais, com poucos recursos, acabam ficando a mercê da própria sorte assim como a natureza, por conseqüência, o sistema se impõe cada vez mais sobre os menos favorecidos, destruindo tudo e todos os que se opõem a ele.

Outro caso que pode ser mencionado é o caso dos remanescentes de quilombos, situados no vale do Ribeira –SP. Na cidade de Eldorado-SP situam-se diversas vilas habitadas por pessoas descendentes de escravos, que no século passado fugiam e constituíam comunidades, onde o lema principal era a ajuda mútua e o respeito. Estas comunidades apresentam, ainda hoje, uma organização exemplar, dando ênfase, sobretudo, à preservação da cultura herdada dos seus ancestrais. Com estrutura de trabalho familiar e comunitária, eles produzem quase 100% dos alimentos que consomem, de forma sustentável; a natureza é preservada ao máximo, pois os habitantes locais têm um sentimento de respeito e interdependência com ela. Apesar de não possuírem um bom nível escolar, são extremamente apegados a regras e tradições seculares, fazendo questão de cultivá-las e preservá-las a qualquer custo.

É visível o apego desse povo com a terra que ocupam e cultivam há tanto tempo; é mais do que clara a vontade de permanecerem ali para sempre. Todavia, toda esta diversidade e riqueza cultural estão sendo ameaçadas. O bom exemplo dado por eles, evidenciados pela preservação de suas tradições e pela relação de respeito com a natureza e o meio ambiente, não é seguido por muitos, principalmente por grandes proprietários de terras e empresários



locais. A construção de barragens ao longo do rio Ribeira do Iguape para fins de geração de energia para empresas instaladas na região esta ameaçando todo este patrimônio histórico-cultural brasileiro. A obra, além de gerar impactos ambientais gravíssimos, ainda provocaria a inundação das terras ocupadas pelos quilombolas, o que obrigaria a transferência destes para outras regiões.

### **Mudança de paradigma**

Não se pode pensar o meio somente por uma visão econômica; o mesmo deve ser pensado também no seu aspecto cultural. A ideia de que tudo tem um valor monetário é falha, pois existem coisas que não podem ser quantificadas. Pensando assim, a comunidade dos quilombolas criou um movimento denominado MOAB (Movimento dos Atingidos por Barragem). Este movimento é atuante não só na região do Vale do Ribeira, como também na capital São Paulo, onde promovem protestos contra a aprovação do projeto de construção de barragens pelo poder público estadual.

A organização está encontrando muitas dificuldades, afinal são seus interesses contra o interesse dos agentes principais do sistema capitalista. Por mais que seja evidente a importância cultural deste povo e a quantidade de pessoas que batalham por este ideal, a luta é desigual e, na maioria dos casos, o principal beneficiado é sempre a elite hegemônica capitalista.

Dentro deste quadro, o desafio maior é alcançar um novo estágio de consciência repensando os efeitos do atual sistema econômico, tecnológico e cultural sobre as populações locais, os excluídos e a natureza. Este sistema tende a privilegiar o modo exploratório, a produção em larga escala e o consumismo exagerado em detrimento aos modos de produção e culturas alternativas.

É evidente que a atual crise ambiental é também resultado da crise desse sistema baseado sempre na política do descartável e do desperdício. Deve-se discutir os princípios éticos e orientações para a gestão econômica,

social e para a sustentabilidade, fazendo com que a humanidade visualize a importância da preservação ambiental para as gerações futuras.

Surge então um modelo importante, a ética ecológica, que vem ganhando espaço no mundo todo, sendo debatida nas mais diversas esferas de pensamento. É necessário discutir formas de contornar os problemas gerados pelo sistema capitalista sobre a natureza. Isso se dá através da elaboração de conceitos, discussão dos problemas que atingem a humanidade nesta questão e elaboração de medidas mitigadoras que possam ser aplicadas na prática, não ficando apenas na discussão.

### **Ética ecológica**

Ética vem do termo grego *ethos* e significa modo de agir e de ser. É importante porque nossas ações não ocorrem por acaso, arbitrariamente, de acordo com algum impulso de momento. Elas obedecem a princípios e critérios que servem como uma direção a ser seguida ou uma indicação segura de quando se precisa de orientação para atingir algum objetivo. A ética é exatamente a sabedoria de colocar a lei a serviço da vida. É como criar uma relação de convivência e cuidado consigo mesmo, uns com os outros e com a natureza, a terra, a água e todo ser vivo, a partir de uma consciência de interdependência.

Existe uma ética ecológica quando se supera a relação de dono e proprietário da terra, dos animais e das plantas, para a relação de que o homem é gerente e zelador da comunidade da vida a qual pertence como membro. É um padrão de comportamento que flui através da percepção de que todos pertencem à comunidade global da biosfera.

A ética ecológica critica o antropocentrismo, não se pode colocar o homem acima e fora da natureza, de modo a nada possuir sentido sem a presença humana. É necessário fixar a idéia de interdependência entre a humanidade, os demais seres vivos e a natureza.

Na XIII reunião do foro de ministros do meio ambiente da América Latina e Caribe, em Bogotá 2002, foi aprovado um documento, dentro do simpósio sobre ética ambiental e desenvolvimento sustentável, que trata exatamente da ideia de uma ética para a sustentabilidade. O documento é dividido em tópicos que tratam de vários assuntos relacionados à ética. São eles:

*Ética de uma produção para a vida* – Aponta que a justiça social é a principal condição para a Sustentabilidade. A degradação ecológica está estritamente relacionada com a injustiça social. É necessário também respeitar a capacidade de suporte da natureza, diminuindo a intervenção tecnológica na ordem natural ecológica.

*Ética do conhecimento e diálogo dos saberes* – É preciso orientar os esforços científicos para a solução dos problemas ambientais, a ciência é instrumento de conhecimento e não pode ser submetida somente a ideais econômicos hegemônicos, devendo ser usada na busca de interesses coletivos.

*Ética da cidadania global, o espaço público e os movimentos sociais* - O princípio da democracia tem que ser resgatado, pois o processo de globalização tem como característica a desigualdade entre os homens, subordinando-os a processos políticos e econômicos autoritários e impositivos.

*Ética da governabilidade global e a democracia participativa* – A ética sustentável é fundamentada em princípios de respeito, pluralismo político e diversidade cultural. Ela questiona toda e qualquer forma de dominação, sendo necessário então repensar as relações sociais, os modos de produção e consumo vigentes.

*Ética dos direitos, justiça e democracia* - Os direitos devem ser garantidos a todos os cidadãos, independente de classe social, cor ou religião. A igualdade deve ser colocada como meta principal a ser alcançada.

*Ética dos bens de consumo e do bem de consumo* – Os bens comuns são bens coletivos, devem ser usufruídos de forma sustentável por todos e não somente pelos mais poderosos. A mercantilização da natureza, a apropriação da biodiversidade e as privatizações não devem ser praticadas.

*Ética da diversidade cultural e de uma política da diferença* – O conceito de bem estar deve ser referir sempre a um grupo nunca somente a um indivíduo. Deve-se incluir corretamente as visões dos diferentes grupos sociais e populações e não somente a do grupo dominante.

*Ética da paz e do diálogo para a resolução de conflitos* – Quando grupos com interesses antagônicos se depararem, é preciso superar sempre as dicotomias para se chegar a uma decisão de bem comum; um acordo com princípios de igualdade é o mais interessante neste caso.

*Ética do ser e o tempo da sustentabilidade* – Saber conhecer o tempo é muito importante para se entender o ciclo permanente da vida; a perpetuação desta tem que ser vista sempre como valor fundamental do ser vivo.

A ideia da elaboração do manifesto foi produzi-lo em comum, para se tornar um bem comum, baseado principalmente nos sentimentos de igualdade, solidariedade e na construção de sociedades sustentáveis.

Maria Teresa La Valle tece considerações sobre os temas desenvolvimento sustentável e ética ecológica no seu artigo intitulado “Quem representará as gerações futuras?” e que está publicado na obra “Ética ecológica. Propuestas para una reorientación.” (Riechmann, 2004). Para ela, ao contrário do que se esperava, a situação ambiental piorou muito desde a Rio 92, a poluição aumentou muito, espécies entraram em extinção e muito pouco foi feito pelos órgãos públicos nacionais para minimizar estes problemas. A autora destaca que na hora de focar o tema gerações futuras e preservação do meio ambiente pode-se indicar duas linhas de análise:

A primeira sustenta a ideia de que existe somente uma obrigação ética quando há uma relação recíproca de indivíduos que se encontram em situações parecidas de poder, e que só se tem obrigações morais com aqueles com os quais se tem laços especiais. Deste modo, as obrigações se limitam hoje com pessoas as quais se tem laços de afeto, sangue ou comunitários.

A segunda considera que, em vista do risco implícito que a humanidade atual tem para afetar a natureza, é necessário elaborar pautas sobre a ética que contribuam para garantir a sobrevivência da humanidade.

Ambas as linhas coincidem na necessidade de preocupar-se com as gerações futuras, mesmo que em graus diferentes, mas não enfocam nem apontam as ferramentas necessárias para tal. Efetivamente, no caso de problemas ambientais, é fácil encontrar exemplos de ações atuais que resultam em vantagens para as gerações futuras, mas a idéia principal seria conceber uma colaboração ao longo de muitas gerações e não somente as mais próximas, dentro de um esquema comum de justiça. Apesar de atualmente se observar muitas injustiças, não se pode pensar que as pessoas têm somente um interesse egoísta ou que só pensam no seu bem-estar. Esses não são os únicos motores das ações humanas, as pessoas se movem impulsionadas por uma pluralidade de motivações, elas levam em conta as considerações éticas que nos fazem ampliar o conceito de bem-estar mais longe do que sua própria satisfação ou felicidade.

Ainda para a autora, o uso sustentável dos recursos naturais pode ser prejudicado por posturas como as que foram mencionadas; a democracia se vê questionada. A degradação ambiental deixa vulnerável a qualidade de vida das gerações atuais e também das futuras. Isso em vários sentidos afeta as possibilidades coletivas de sobrevivência, os projetos individuais de levar uma vida longa e saudável, a possibilidade de afirmar nossa interdependência com outras espécies e, o mais importante, as gerações futuras de seres humanos.

A autora ressalta ainda que os recursos naturais são bens públicos. Quem tem posse desses recursos exerce dominação sobre os demais. É a liberdade que está em jogo e, por isso, essa deveria ser uma questão de estado. Os governos deveriam ser os primeiros a se preocupar com a preservação ambiental e a apoiar a criação de instituições que inibissem a dominação e exploração desordenada e indiscriminada dos recursos naturais por alguns indivíduos, diminuindo, por consequência, a degradação ambiental.

Castellanos (2004) coloca que a ideia de comunidade e a relação comunidade-natureza está sendo destruída pelo mercado e pela ganância. Na visão dele a criação de leis que orientariam a conduta humana com a finalidade de evitar o esgotamento dos recursos naturais por meio da exploração insana seria uma boa opção. As leis gerariam resultados práticos, pois as pessoas sentem o dever de cumprir ordens, elas temem ser julgadas por desobedecer algo que foi pré-estabelecido, independente de concordar ou não com elas. Em contrapartida, uma ética poderia ser trabalhada em pessoas que se supõe ter valores intrínsecos. Esta ética tem que estar enraizada em sentimentos. Apesar de ser a melhor forma de pensar a natureza, é muito difícil de ser implementada na sociedade atual, onde a palavra “ética” anda meio esquecida. A ética só funciona com aqueles que possuem dignidade e a compaixão como valores muito importantes. O indivíduo compassivo vive dolorosamente o sofrimento dos mais fracos, ele também o sente, seu sentido de justiça gira em torno do princípio de igualdade e o mesmo pode se pensar em relação à natureza, pois esta passa a ser vista como “seu semelhante”. Porém, ele afirma que para os casos onde os agentes principais não possuem esses valores intrínsecos, para quem a moral não tem valor, é necessário a implantação das leis.

A pertinência de que a ética seja aplicável e realmente possa ser atuante obriga ao reconhecimento de que ela está estritamente relacionada nos movimentos sociais ascendentes, em uma nova cultura, como, por exemplo, a que se manifesta no fórum social mundial de Porto Alegre, onde precisamente confluem, sem choques, numerosas correntes sociais que, apesar de terem metas diversas, têm como principal característica o sentido de justiça e de piedade juntamente com a vontade de arriscar-se por eles.

O autor destaca ainda que estes novos movimentos se organizam de forma muito diferente. Parece que estão traçando as coordenadas de uma nova ética, de modo que os princípios e valores ambientais se confundem com os referentes a outros âmbitos da atividade humana.

## Considerações finais

É fundamental pensar constantemente sobre como esta reorientação deve ser aplicada na prática. A noção de sustentabilidade precisa estar clara e ela só poderá acontecer se for implementada simultaneamente em diversas áreas.

É certo que a importância da preservação dos elementos naturais para a construção de um meio ambiente saudável é imprescindível. Para tanto, deve-se lançar mão de técnicas, métodos e ideologias que possibilitem chegar a este estado de harmonia entre a humanidade e o planeta. A ética ecológica é, sem dúvida, um dos caminhos mais rápidos e eficientes para atingir este objetivo. Ela deve ser o suporte basilar desse projeto.

Os seres humanos devem compreender que a vida não surgiu no planeta pela competição, mas através da cooperação, de parcerias e formação de redes interdependentes. Os sentimentos de disputa e de individualismo têm que ser substituídos pelos sentimentos de cooperatividade e coletividade. A continuidade da vida, a coexistência pacífica entre as espécies e o bem estar coletivo são mais importantes do que o poder e a acumulação de capital a qualquer custo. Oxalá que isso ocorra em breve, enquanto a situação é reversível, e não somente no momento em que o homem perceber que não pode nem comer, nem beber nem respirar dinheiro.

## Referências

CASTELLANOS, E. M. Una etica ambiental igualitarista y compasiva In: *Jorge Riechmann (coord). Ética ecológica: propuestas para una reorientación*. Nordan Comunidad, Montevideo, 2004, pp.53-58.

LA VALLE, M. T. Quién representa a las generaciones futuras? In: *Jorge Riechmann (coord). Etica Ecológica: Propuestas para una reorientación*. Nordan Comunidad, Montevideo, 2004, pp. 77-82.

REVISTA CHICO MENDES, CNS, Xapuri, 2005. p. 12.

RODRIGUES, A. M. Problemática ambiental: Agenda política, espaço, território e classes sociais. *Boletim Paulista de Geografia*, nº 83, São Paulo, Dez. 2005.

UNA ÉTICA PARA LA SUSTENTABILIDAD. MANIFESTO POR LA VIDA.  
Bogotá, 2002.